

Cupido e Psiquê
e outras narrativas
da literatura mundial

Cupido e Psiquê

e outras narrativas
da literatura mundial

Seleção e adaptação
Paulo Sérgio de Vasconcellos

 **OBJETIVO**

São Paulo

Capa

Francisco Achcar

Editoração

Gilberto Kawasaki

Lisete Rodrigues S. Lima

Revisão

Mônica de Almeida

Coordenação

Inês Achcar

Sumário

Mito da Grécia Antiga	7
Midas	8
Um conto da Literatura Latina	12
Cupido e Psiquê	13
Narrativas de índios do Brasil	27
Como a noite apareceu	28
História do guaraná	32
A onça e o bode	38
Conto dos irmãos Grimm	41
O enigma	42
Contos populares brasileiros	47
O bicho Manjaléu	48
A festa no céu	56
Contos populares de Portugal	59
A Riqueza e a Sorte	60
Comadre Morte	63
Fábula	65
O lobo e o cordeiro (Esopo)	66
O lobo e o cordeiro (Fedro)	67
O lobo e o cordeiro (La Fontaine)	68
Narração de Monteiro Lobato	69
Narração de Millor Fernandes	72
Referências Bibliográficas	75

Mito da Grécia Antiga

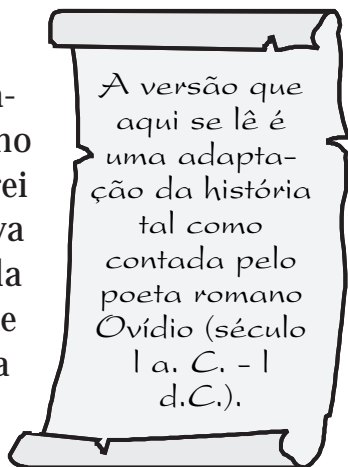
Um mito é uma narrativa que fala de seres como deuses e heróis e conta a origem do mundo e de tudo o que nele existe.

São muito conhecidos, depois de mais de dois mil anos da cultura grega antiga, os mitos gregos, que têm personagens como Narciso, Orfeu, o cavalo Pégaso, etc.

Aqui, você conhecerá o mito de Midas.

Midas

Certa vez, Sileno, companheiro do deus do vinho Dioniso, foi parar no país do rei Midas. Sileno seguia a comitiva do deus, mas, por causa da idade e do muito vinho que bebera, acabou ficando para trás e se perdendo. Assim que avistou o companheiro de Dioniso, Midas fez questão de hospedá-lo em seu palácio e de festejar por dez dias e dez noites seguidas.



Quando a décima primeira aurora raiou, Midas levou Sileno até o jovem Dioniso. Alegre com aquele reencontro, o deus do vinho perguntou ao rei:

— Que recompensa você gostaria de receber? Escolha qualquer coisa.

Midas, imprudente, respondeu:

— Faça com que tudo o que eu tocar com o meu corpo se transforme em ouro!

Dioniso concordou e concedeu aquele dom. Midas se foi, todo contente com o que se tornaria a fonte de todos os seus males. No caminho, vai tocando tudo o que encontra para testar se o deus cumpriu mesmo a palavra. Mal acreditando no que vê, tira um ramo verdejante de uma árvore, e ele se torna de ouro. Ergue do chão uma pedra: a seu toque poderoso, transforma-se numa barra de ouro.

Colhe espigas de trigo: de repente, é uma colheita de ouro. Onde lava as mãos, as águas se transformam em ouro líquido. Não se contém de alegria, imaginando que tudo a seu redor pode se transformar em ouro!

Já no palácio, eis que seus criados lhe puseram à mesa iguarias e pão. Sentindo fome, o rei primeiramente corta um pedaço de pão, mas, ao tocá-lo, ele se torna duro e dourado, transformando-se em metal. Já estava para devorar as iguarias, mas, quando seus dentes as tocam, uma camada de ouro as recobre. Não consegue comer. Mistura água e vinho para saciar a sede, e eis que ouro líquido escorre em sua boca. Espantado e assustado com aquela desgraça inesperada, sentindo-se rico e pobre ao mesmo tempo, amaldiçoa o bem que tanto desejara. A riqueza não mata sua fome, a sede intensa queima a sua garganta. Todo o ouro à sua volta só servia para o torturar mais e mais.

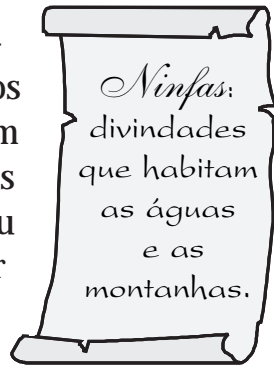
Por fim, erguendo aos céus as mãos, diz:

— Perdoe-me, Dioniso! Errei, sim, mas tenha compaixão de mim e me tire esse dom enganador.

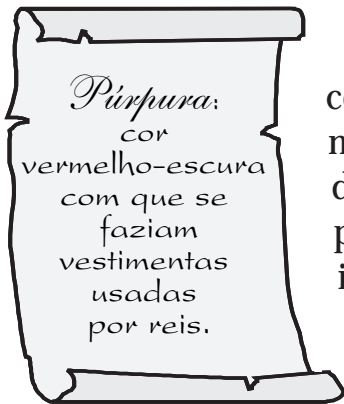
Dioniso foi bondoso: vendo o rei confessar seu erro, restituiu-o ao estado antigo e desfez o que tinha feito apenas para cumprir o que lhe fora pedido.

Midas, odiando agora as riquezas, passou a viver sempre nos campos e nas florestas. Morava nas cavernas das montanhas. Mas sua inteligência continuava pequena e perigosa. Um dia, às

margens de um rio, o deus Pã pôs-se a dizer às **ninfas** do lugar que os cantos que entoava na flauta eram mais belos que o do próprio deus Apolo. Pã, todo orgulhoso, pediu que o rio julgasse quem era melhor músico. O rio se assenta sobre uma rocha, transformado em um velho com os cabelos coroados de folhagens, e dá início à disputa.



Pã fez ressoar sua flauta rude, e Midas, que estava por ali, ficou encantado com a música. Eis, então, que Apolo se apresenta, e o rio e toda a floresta se voltam para o ver. O deus tinha os cabelos loiros cobertos por folhas de loureiro; sua veste cor de **púrpura** varria o chão; na mão esquerda, trazia a lira de marfim que tinha pedras preciosas. Apenas Apolo iniciou sua música, extraindo doces sons harmoniosos do instrumento, e o rio já se decidira: a flauta de um devia reconhecer a superioridade da lira do outro. Todos os presentes estavam de acordo. Só Midas toma a palavra para dizer que o resultado foi injusto.



Apolo não pôde suportar que as orelhas estúpidas de Midas continuassem a ter forma humana. Ele as faz crescer e as enche de pêlos. Eis que o rei tem agora orelhas de asno!

Midas fez de tudo para esconder dos outros aquelas orelhas, mas o criado que lhe cortava os cabelos as viu. Porém, não teve coragem de revelar o segredo aos demais. Ardendo de desejo de contar a alguém o que descobrira, o criado fez, então, um buraco na terra e confiou seu segredo baixinho a ela. Depois, cobriu o buraco com terra e se foi.

Conta-se que naquele lugar nasceram caniços de que eram feitas as flautas antigas. Passado um ano, ao crescerem, as plantas traíram o segredo do rei, pois, quando o vento as agitava com seu brando sopro, ouvia-se nitidamente a frase:

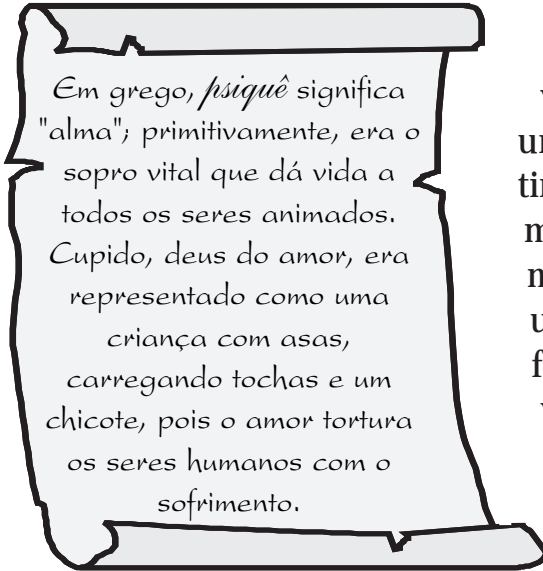
— O rei Midas tem orelhas de burro!...

Um conto da Literatura Latina

O conto que você vai ler a seguir, uma espécie de mito, é narrado no livro *As metamorfoses ou o asno de ouro*, de um escritor africano do século II d.C. que escrevia em latim: Apuleio. A história central do livro é o relato das aventuras de Lúcio, um rapaz que, ao tomar por engano uma poção mágica, acaba transformado em asno!

Dentre as várias histórias contadas pelas personagens, a mais famosa é a que você lerá a seguir.

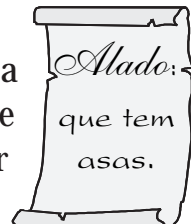
Cupido e Psiquê



Era uma vez um rei e uma rainha que tinham três filhas muito bonitas. A mais nova era de uma beleza perfeita, que deixava todos que a viam admirados e encantados. Chamava-se **Psi-**

quê. Vinha gente até de outras cidades e outros países para vê-la. Tão bela era a moça que parecia ter Vênus, a deusa do amor, tomado forma humana. Em pouco tempo, começaram as pessoas a abandonar o culto à deusa, esquecendo seus templos e rituais: todos se dirigiam àquela moça, adoravam-na e rezavam invocando seu nome. Ora, Vênus ficou irritada e indignada por ser assim deixada de lado por uma mortal. Chamou seu filho, o menino **alado**, contou-lhe o que estava acontecendo e, por fim, disse:

— Meu filho querido, vingue essa ofensa feita à sua mãe. Faça com que Psiquê se apaixone por algum ser horrível, tão horroroso que, no mundo



inteiro, não exista ninguém mais infeliz do que ela!

Mas Psiquê já era infeliz: sua beleza era tão perfeita que todos a adoravam como quem venera a estátua de uma deusa, mas ninguém no reino desejava se casar com ela. Enquanto suas irmãs mais velhas se casaram facilmente, Psiquê vivia solitária e amaldiçoava sua beleza como se ela fosse um peso insuportável.

O rei resolveu, um dia, ir ao templo do deus Apolo implorar um casamento para sua filha. Através de seus sacerdotes, o deus disse que Psiquê estava destinada a se casar com um monstro terrível, que provocaria terror até ao mundo dos mortos. E ordenou ao pobre pai que colocasse a filha num certo rochedo, no alto de uma montanha. O rei voltou dali arrasado. Pai e mãe lamentaram a sorte de Psiquê.

Mas era preciso obedecer às ordens do deus. Foram todos em procissão até o rochedo. Era o casamento de Psiquê, mas a moça chorava como se estivesse assistindo a seu próprio funeral. Ao chegarem à pedra, Psiquê foi deixada ali sozinha, e todos retornaram para a cidade.

A moça, aterrorizada, sozinha sobre o rochedo, não parava de chorar. De repente, um vento muito suave agitou a barra de seu vestido, envolveu-a toda e com um movimento delicado tomou-a nos braços. Ergueu-a do rochedo e levou-a até um gramado cheio de flores. Ali, Psiquê adormeceu.

Quando acordou, Psiquê viu um bosque de árvores frondosas e uma fonte de água cristalina.

No meio do bosque, avistou um palácio que não parecia erguido por mãos humanas: todo revestido de ouro, prata, pérolas e pedras preciosas. Encantada, Psiquê perdeu o medo e se aproximou do palácio. Abriu a porta e o que viu a espantou: riquezas imensas espalhadas por toda parte! Psiquê as contemplava maravilhada, quando uma voz de repente se fez ouvir:

— Por que esse espanto? É tudo seu! Entre naquele quarto, repouse e, quando quiser, peça um banho. A voz que você ouve é de suas escravas. Estamos aqui para cumprir suas ordens.

Psiquê achou que algum deus a estava protegendo. Seguindo a recomendação daquela voz que não vinha de nenhum corpo, simplesmente ecoava pelo palácio, adormeceu e, ao acordar, tomou um banho. De repente, notou ali perto uma enorme mesa repleta das mais finas iguarias. Ela sentou-se e viu que os pratos lhe iam sendo servidos por um sopro invisível. Comeu até não poder mais. Depois, foi deitar-se. Era noite. De repente, ouviu um ruído. Adivinhou o que estava acontecendo: seu marido vinha para passar a noite com ela, mas, em meio à escuridão total, ela não podia ver seu rosto. Ele nada disse e, antes de amanhecer, partiu.

O tempo foi passando. Os pais de Psiquê envelheciam mergulhados em profunda tristeza, com saudades da filha. Um dia, o marido de Psiquê lhe disse:

— Minha amada esposa, suas irmãs conseguiram descobrir que você não morreu. Pretendem

ir até o rochedo em que você foi abandonada. Se você ouvir os seus lamentos, não responda, não diga nada, nem olhe naquela direção. Se fizer isso, causará em mim uma grande dor, e uma desgraça para você mesma!

Psiquê prometeu agir conforme o marido lhe pedia. Mas, quando ele, como sempre fazia, assim que o dia surgiu, foi embora, Psiquê pôs-se a chorar e a lamentar sua solidão. Sentia-se muito triste, sem contato com seres humanos naquele palácio enorme.

Corriam os dias, e Psiquê estava sempre triste e amargurada; o marido notou e, diante dos pedidos insistentes da esposa para que o vento trouxesse ao palácio suas irmãs, finalmente, concordou:

— Está bem, então. Faça como desejar, mas lembre-se de que eu avisei. Você vai se arrepender quando for tarde demais! Pode ver suas irmãs. Mas escute bem: nunca, nunca tente ver o rosto de seu esposo, está me ouvindo? Nem mesmo se suas irmãs insistirem para que você faça isso.

Psiquê, agradecida, prometeu ao marido agir como ele recomendava. Mais eis que suas duas irmãs chegaram ao rochedo e lá se puseram a chorar e a gritar, chamando por Psiquê. Obedecendo a seu marido, o vento levou as irmãs pelos ares até ela. O reencontro foi emocionante, e as três choraram de alegria ao se verem reunidas. A irmã mais nova serviu às outras as mais finas iguarias, presenteou-as com pedras preciosas e colares, mostrando-lhes todo o palácio. Quando quiseram

saber quem era o seu marido, Psiquê inventou que era um moço muito bonito, que durante o dia estava sempre caçando pelas montanhas da região. Depois, receando trair-se e dizer o que não deveria, mandou o vento levar de volta as irmãs.

De volta para casa, mordidas de inveja de Psiquê, as irmãs conversaram entre si. Uma delas disse:

— Como o destino é injusto! A mais nova de nós possui as maiores riquezas que se possa imaginar. Você viu com seus próprios olhos, minha irmã: pedras preciosas, ouro e prata por toda parte! E ela ainda está casada com um moço muito bonito. Eu tenho um marido que é mais velho que meu pai e mais careca do que uma abóbora, além de parecer um anão, de tão baixinho!

— Mas e o meu, então? — respondeu a outra. Está sempre com reumatismo, sempre doente. Eu pareço mais sua enfermeira do que sua esposa... E você viu como Psiquê nos tratou com desprezo e arrogância? Para nos humilhar, ficou exibindo suas riquezas. Deu umas migalhas e nos enxotou do seu palácio. Precisamos encontrar um meio de castigar aquela metida!

As duas irmãs, então, voltaram para suas casas sem dizer a ninguém que tinham reencontrado Psiquê. O marido a advertiu:

— Muito cuidado! Suas irmãs tentarão convencer você a ver meu rosto. Mas eu estou avisando: se você o vir uma vez, nunca mais o verá de novo. Então, não volte a falar com aquelas bruxas!

Outra coisa: você está esperando um filho.

Diante daquela notícia, Psiquê ficou muito contente. Passou a contar os dias e as horas que faltavam para ser mãe. Mas eis que um dia a moça pediu ao esposo, de novo, a oportunidade de rever as irmãs, de quem tinha muitas saudades. Convencido por suas lágrimas e carícias, ele consentiu. As irmãs retornaram ao rochedo e, na pressa de rever Psiquê, nem esperaram pelo vento; precipitaram-se do alto... Seria o fim delas, mas o vento, muito contra sua vontade... cumprindo as ordens de seu senhor, aparecendo de repente, tomou-as consigo e levou-as ao palácio.

As irmãs se comportaram como se amassem Psiquê do fundo do coração; quando souberam de sua gravidez, disseram:

— Se a criança for tão bonita quanto os pais, será um Cupido!

Mas, no meio da conversa, passaram a fazer perguntas à irmã mais nova a respeito de seu marido. Psiquê, esquecida da mentira que contara anteriormente, disse que se tratava de um senhor que tinha cabelos grisalhos e vinha de um país vizinho.

Ao retornarem a casa, as duas fizeram comentários sobre a história de Psiquê. Concluíram que a irmã mentia ou nem mesmo sabia como era o aspecto do marido. Decidiram encontrar, o mais rápido possível, uma maneira de acabar com sua felicidade. Quando voltaram a reencontrar Psiquê, uma delas disse, derramando lágrimas fingidas:

— Querida irmã, você está feliz na ignorância dos riscos que está correndo! Nós, que sempre nos preocupamos tanto com sua felicidade, descobrimos que o ser que dorme junto com você é um monstro terrível, uma serpente gigantesca e venenosa. Você não se lembra do que disse o adivinho do deus Apolo? Os caçadores da região viram o monstro sair do palácio e entrar nas águas do rio que corre aqui por perto. Mais: assim que você der à luz, que é só isso que aquele monstro está esperando, ele a devorará! Fuja daqui e venha morar conosco, minha pobre irmã!

Ao ouvir aquelas palavras, Psiquê ficou atordoada, sem uma gota de sangue no rosto e tremendo toda. Quando conseguiu falar, disse:

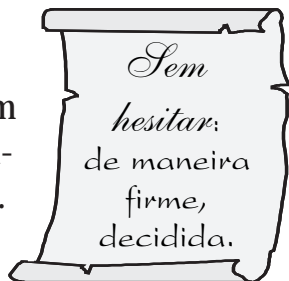
— Queridas irmãs, obrigada por se preocuparem comigo. O que vocês me dizem parece verdade. Nunca vi o rosto de meu marido. Ele vem à noite, sem deixar se ver e, de manhã, vai embora: não sei de onde vem nem para onde vai. Deve ser mesmo um monstro: procurou me assustar para que eu não desejasse ver sua face. Por favor, ajudem-me! Não sei o que fazer.

Vendo que Psiquê estava em suas mãos, uma das irmãs lhe disse:

— Nós já pensamos em como salvar sua vida, querida Psiquê. Pegue uma navalha, a mais afiada que houver aqui e esconda-a na sua cama, no lugar em que você dorme. Depois, pegue uma lamparina, cheia de azeite, que ilumine bem, e deixe-a acesa, mas totalmente tampada por alguma panela. A

serpente virá se arrastando na escuridão, como sempre, até o leito, para estar com você. Quando perceber que ela está dormindo profundamente, vá pegar a lamparina, volte e de uma vez, **sem hesitar**, corte a cabeça da serpente! Então, nós viremos correndo. Com o tempo, você terá um casamento de verdade, com um ser humano.

Quando as irmãs voltaram para o rochedo levadas pelo vento, Psiquê se viu só novamente. Estava vacilante, com o coração dividido. Tinha horror do



monstro, mas amava o marido! Ao cair da noite, o esposo chegou, deitou-se ao seu lado e depois adormeceu. Psiquê encheu-se de coragem, buscou a lamparina e depois pegou a navalha. Aproximou a luz do ser que estava estendido ao seu lado. Mas, quando pôde ver claramente, à luz da lamparina, descobriu, sim, um ser feroz e cruel, mas não era a serpente. Repousava ali Cupido em pessoa, o belíssimo filho de Vênus! Psiquê ficou espantada e confusa. Via os cabelos dourados do deus, que tinham um perfume delicioso. Seu pescoço era branco, suas faces rosadas e todo o seu rosto brilhava a ponto de parecer superar o brilho da luz da lamparina. As asas eram de uma brancura e uma delicadeza indescritíveis. Aos pés da cama, estavam no chão o arco e as flechas do deus.

Encantada, Psiquê imediatamente foi tomada de amor pelo deus do amor... Embora tivesse medo de

acordá-lo, pôs-se a beijá-lo. Mas eis que da lâmpada uma gota de azeite fervente cai sobre o ombro do deus! Cupido acordou, dando um salto e, percebendo o que acontecera, fugiu dos beijos e abraços de Psiquê e bateu as asas. Desesperada, Psiquê agarrou-se à sua perna direita. E lá foi ela, voando além das nuvens com o deus. Finalmente, vendo que Psiquê estava esgotada de cansaço e ameaçando se espatifar no chão, Cupido a tomou nos braços e colocou-a sob uma árvore. Comovido, disse-lhe:

— Confesso que desobedeci às ordens de minha mãe Vênus. Ela queria que você se apaixonasse por um monstro. Mas eu me apaixonei por você. Avisei-a tantas vezes para tomar cuidado com suas irmãs, e de nada adiantou. Seu castigo será minha fuga.

E, tendo assim falado, voou para bem alto e desapareceu entre as nuvens. Depois, deitou-se no leito todo de ouro da mãe, gemendo muito por causa da ferida no ombro. Quando Vênus soube do que acontecera, ficou furiosa: aquela moça que se julgava superior em beleza à própria deusa do amor tinha conseguido fazer com que seu filho se apaixonasse por ela! E o patife do menino a desobedecera! Os dois haveriam de pagar caro!

Enquanto isso, Psiquê ia de um lado para o outro, percorrendo, desesperada, toda a terra à procura de Cupido. Mas uma escrava de Vênus encontrou-a e levou-a até à deusa, arrastando-a pelos cabelos. A deusa recebeu Psiquê com uma gargalhada, dizendo:

— Veio visitar a sogra? Ou o marido? A ferida que você provocou nele está pondo sua vida em risco.

Depois, Vênus pegou um punhado de trigo, de cevada, de milho, de papoula, de grão-de-bico, de lentilha e de fava, misturou tudo e disse:

— Você é uma escrava, e feia; certamente só conquista os homens por ser tão empenhada no serviço. Vamos ver se é assim mesmo. Separe os grãos por tipo e coloque-os em ordem, um por um. Antes de cair a noite, virei para ver se você conseguiu realizar bem essa tarefa.

Psiquê ficou sem saber o que fazer, triste e abatida diante daquele monte de grãos misturados. Mas uma formiga teve dó dela, correu de um lado para o outro chamando suas colegas para ajudá-la. E eis que um batalhão de formigas pôs-se a separar os grãos.

Ao cair da noite, Vênus foi ver o trabalho. Acusou Psiquê de agir de maneira desonesta: quem fizera aquilo não fora ela, mas Cupido. Jogou-lhe um pedaço de pão e foi dormir.

Antes do raiar do dia, a deusa se levantou e foi até Psiquê, dizendo-lhe:

— Está vendo aquele bosque perto do rio? Ali pastam livremente ovelhas muito ferozes que têm uma lã dourada. Traga-me um floco dessa lã!

Psiquê ficou desconsolada. Encaminhou-se para as águas do rio com a intenção de se lançar nelas. Mas, quando estava para se jogar, um caniço do meio do rio teve dó e contou-lhe como poderia

obter o floco de lã: de manhã, com o sol quente, as ovelhas ficavam furiosas e atacavam os seres humanos para matá-los, mas à tarde elas descansavam nas margens do rio. Nessa hora, Psiquê poderia buscar entre as folhagens, tranqüilamente, flocos de lã presos nos ramos das árvores.

Psiquê seguiu as recomendações do caniço. Quando levou a lã a Vênus, a deusa disse que sabia muito bem quem tinha inventado um meio de conseguir realizar aquela tarefa. Depois, acrescentou:

— Mas vamos ver se você é realmente corajosa e esperta! No alto daquela montanha (está vendo?), há uma fonte. Ali brota a água que vai originar os pântanos do mundo dos mortos e alimentar seu rio. Quero que você me traga um pouco daquela água geladíssima neste vaso de cristal.

Psiquê foi até a montanha que Vênus lhe indicara. Mas ela era muito alta e difícil de escalar. Além disso, do meio das pedras corria uma água nojenta e malcheirosa. Em algumas cavernas da montanha, viam-se dragões horríveis, cujos olhos nunca se fechavam, sempre vigiando. E as águas falavam, gritando: "Vá embora! Saia daqui!".

De novo entregue ao desespero, a moça pôs-se a chorar. Mas de repente surgiu uma águia, aproximou-se dela e tomando o vaso no bico se dirigiu até a fonte. Era a águia do supremo rei dos deuses, Júpiter. Quando as águas lhe gritaram para que fosse embora, ela respondeu que estava a serviço de Vênus, o que facilitou a aproximação.

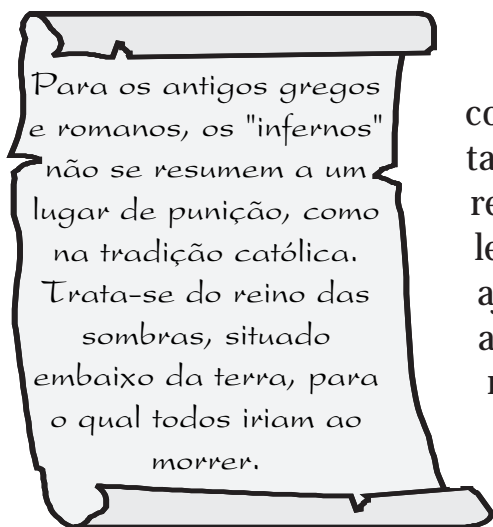
Quando Psiquê levou o vaso cheio da água do reino dos mortos, Vênus disse:

— Você deve ser uma bruxa! Mas ainda há mais uma tarefa para você cumprir. Pegue esta caixinha e vá até o reino dos mortos. Lá, diga à rainha dos mortos: "Vênus pede que lhe envie uma porção de sua beleza, o bastante para um dia. É que ela gastou a sua tratando do filho doente". Preciso passar essa porção no meu rosto antes de ir, hoje, a uma reunião com os outros deuses.

Desesperada, Psiquê subiu ao alto de uma torre para de lá se jogar. Como poderia ela ir ao reino dos mortos estando viva? E como de lá voltar? A torre, com dó da moça, disse:

— Vou-lhe ensinar onde se encontra uma porta para o reino dos mortos. Você entrará e irá até o palácio do rei **infern**al. Leve em cada uma das mãos um bolo de farinha e mel, segurando na boca duas

moedas. No caminho, você encontrará um burro coxo e um homem também coxo carregando o burro de lenha. Ele lhe pedirá ajuda para apanhar a lenha, mas você não deve dizer nenhuma palavra. Seguindo adiante, você chegará



ao rio dos mortos, onde verá o barqueiro Caronte. Dê a ele uma de suas moedas. Quando estiverem atravessando o rio, você verá um velho, em meio às águas, erguendo as mãos e pedindo para ser puxado para o barco. Não tenha dó e siga em frente. Logo verá o palácio da rainha dos mortos. Mas à frente dele há um cão monstruoso, que tem um latido parecido com um trovão. Jogue-lhe um dos bolos e ele não lhe fará nada. A rainha dos mortos a receberá amavelmente, convidando-a para sentar e comer um delicioso banquete. Mas você deverá se sentar no chão e se contentar com um pedaço de pão velho. Depois de cumprir sua missão, dê o outro bolo ao cão e a outra moeda ao barqueiro. Atravessado o rio, siga suas pegadas, fazendo o caminho de volta. Logo você estará sob este nosso céu. Mas atenção: nunca abra a caixinha para ver o que há dentro dela; nunca! Essa é a minha recomendação mais importante.

Psiquê fez exatamente como a torre lhe havia dito. Tudo correu bem. Mas, regressando do reino dos mortos, ficou impaciente de curiosidade para saber o que havia dentro da caixinha:

— Eu lá sou tonta para levar comigo uma porção da beleza divina e não pegar nem um pouquinho dela para mim? Quem sabe se essa não seria a maneira de reconquistar aquele meu marido tão belo?

E Psiquê, então, abriu a caixinha. Mas de dentro dela só saiu um sono irresistível que foi tomando conta de seu corpo, pouco a pouco, até que ela caiu

no chão parecendo morta. Nisso, a ferida de Cupido já tinha cicatrizado. Com saudades de Psiquê, o deus abandonou o quarto em que a mãe o trancara e foi até a moça. Encontrou-a caída no chão e a despertou picando-a suavemente com uma de suas flechas. Disse-lhe:

— De novo, você é vítima da curiosidade, pobrezinha! Mas ande, vá até minha mãe e termine de cumprir a tarefa que ela lhe deu.

Apenas disse essas palavras, Cupido voou pelo ar, enquanto Psiquê se dirigia até Vênus. O deus, porém, ainda apaixonado, temia a ira de sua mãe. Foi até Júpiter, o pai dos deuses, e contou-lhe tudo, pedindo sua proteção. Júpiter convocou a assembléia dos deuses e assim falou a todos:

— Deuses, este jovenzinho que eu mesmo criei tem provocado muita confusão. Está na hora de prendê-lo nos laços de um casamento. Já que ele escolheu uma certa moça, vamos deixar que ele se una a ela para sempre. Quanto a você, minha filha Vênus, não fique triste. Seu filho não se casará com uma mortal, não. Este não será um casamento desigual.

Então, chamou o mensageiro dos deuses e ordenou que trouxesse Psiquê ao céu. Deu à moça uma taça de ambrosia, o alimento dos deuses imortais, e disse:

— Tome, Psiquê, e torne-se imortal. Cupido nunca se afastará de seus braços. Vocês, a partir de agora, estão unidos por toda a eternidade!

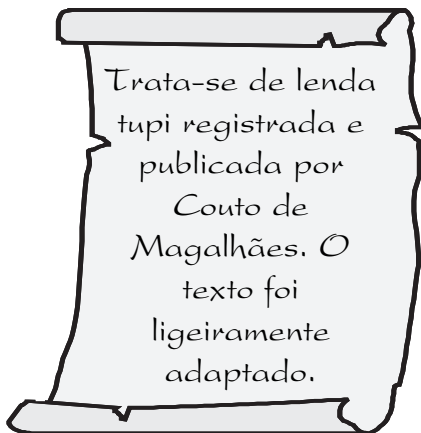
E assim Psiquê se uniu a Cupido. Algum tempo depois, nasceu o filho do casal, a quem deram o nome de Prazer.

Narrativas de índios do Brasil

Nosso país tem um grande número de comunidades indígenas, mais de duzentos povos, cada um com seus costumes e suas histórias, lendas e mitos.

Selecionamos algumas narrativas que falam das origens do mundo: como nasceu a noite, como surgiu o guaraná, qual a causa do ódio entre a onça e o bode.

Como a noite apareceu



No princípio não havia noite – havia somente dia em todo

tempo. A noite estava adormecida no fundo das águas. Não havia animais; todas as coisas falavam.

A filha da Cobra-Grande – contam – casara-se com um moço. Esse moço tinha três criados fiéis. Um dia, ele chamou os três criados e disse-lhes:

— Vão passear, porque minha mulher não quer dormir comigo.

Os criados foram-se, e então ele chamou sua mulher para dormir com ele. A filha da Cobra-Grande respondeu-lhe:

— Ainda não é noite.

O moço disse-lhe:

— Não há noite; somente há dia.

A moça falou:

— Meu pai tem noite. Se quer dormir comigo, mande buscá-la pelo grande rio.



O moço chamou os três criados; a moça mandou-os à casa de seu pai, para trazerem um caroço de **tucumã**.

Os criados foram, chegaram à

casa da Cobra-Grande. Esta lhes entregou um caroço de tucumã muito bem fechado e disse-lhes:

— Aqui está; levem-no. Vamos! Não o abram, senão todas as coisas se perderão.

Os criados foram-se e estavam ouvindo barulho dentro do coco de tucumã, assim: *tem, tem, tem...xi...* Era o barulho dos grilos e dos sapinhos que cantam de noite.

Quando já estavam longe, um dos criados disse a seus companheiros:

— Vamos ver que barulho será este?

O piloto da canoa respondeu:

— Não, do contrário nos perderemos. Vamos embora, eia, remem!

Eles foram-se e continuaram a ouvir aquele barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era.

Quando já estavam muito longe, reuniram-se no meio da canoa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o coco e abriram-no. De repente tudo escureceu.

O piloto então disse:

— Nós estamos perdidos; e a moça, em sua casa, já sabe que nós abrimos o coco de tucumã!

Eles seguiram viagem.

A moça, em sua casa, disse então a seu marido:

— Eles soltaram a noite; vamos esperar a manhã.

Então todas as coisas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animais e pássaros.



As coisas que estavam espalhadas pelo rio se transformaram em patos e em peixes. Do **paneiro** gerou-se a onça; o pescador e sua canoa se transformaram em pato; de sua cabeça nasceram a cabeça e o bico do pato; da canoa, o corpo do pato; dos remos, as pernas do pato.

A filha da Cobra-Grande, quando viu a estrela d'alva, disse a seu marido:

— A madrugada vem surgindo. Vou separar o dia da noite.

Então ela enrolou um fio e disse-lhe:

— Você será a ave cujubim. Assim ela fez o cujubim; pintou a cabeça do cujubim de branco, com argila; pintou-lhe as pernas de vermelho com **urucu** e, então, disse-lhe:

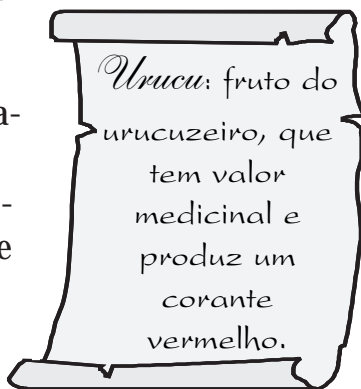
— Você cantará para todo sempre quando a manhã vier raiando.

Ela enrolou o fio, sacudiu cinza em cima dele e disse:

— Você será inhambu, para cantar nos diversos tempos da noite e de madrugada.

De então para cá todos os pássaros cantaram em seus tempos, e de madrugada, para alegrar o princípio do dia.

Quando os três criados chegaram, o moço disse-lhes:

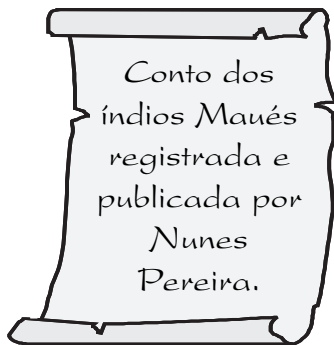


— Vocês não foram fiéis: abriram o caroço de tucumã, soltaram a noite, e todas as coisas se perderam, e vocês também. Vejam: vocês estão transformados em macacos e para sempre andarão pelos galhos das árvores.

(A boca preta e a risca amarela que esses macacos têm no braço dizem que são ainda o sinal do breu que fechava o caroço de tucumã e que escorreu sobre eles quando o derreteram.)

História do guaraná

Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumáató, Icuamã e Onhiamuaçabê.



Onhiamuaçabê era dona do Noçoquém, um lugar encantado no qual ela havia plantado uma castanheira.

A jovem não tinha marido; porém todos os animais da selva queriam viver com ela. Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Uma cobrinha, conversando com outros animais, certa vez, disse que Onhiamuaçabê acabaria sendo sua esposa. Foi então espalhar pelo caminho por onde ela passava todos os dias um perfume que alegrava e seduzia.

Quando Onhiamuaçabê passou pelo caminho, aspirando o perfume, disse:

— Que perfume agradável!

A cobrinha, que estava próximo, disse a si mesma:

— Eu não dizia? Ela gosta de mim!

E, correndo, foi-se estirar mais adiante para esperar a moça. Ao passar ao seu lado, tocou-a levemente numa das pernas. E só isto bastou para

que a moça engravidasse, porque, antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse para esposa.

Porém os irmãos de Onhiamuaçabê não queriam que ela se casasse com gente, animal ou árvore, e que tivesse filhos, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Por isso, quando a moça apareceu grávida, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram e falaram, dizendo que não queriam vê-la com filho.

Chegou o dia do nascimento da criança. A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la.

Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até a idade de falar. Logo que pôde falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam.

A moça contou ao filho que, antes de o sentir em sua barriga, plantara no Noçoquém uma castanheira, para que ele lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, apoderaram-se de Noçoquém e não o deixariam comer castanhas. Além disso, os irmãos da moça tinham entregue o sítio à guarda da Cutia, da Arara e do Periquito.

O menino, porém, continuou a pedir a Onhiamuaçabê, mãe dele, que lhe desse a comer as mesmas frutas que os seus tios comiam.

Um dia, então, Onhiamuaçabê, a moça, resolveu levar o filho ao Noçoquém para que comesse castanhas.

Assim, indo a Cutia ao Noçoquém, viu no chão, debaixo da castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas. A Cutia correu e foi contar o que vira aos irmãos da moça. Um deles disse que talvez a Cutia se enganasse; o outro disse que não podia ser verdade.

Discutiram. E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho-de-boca-roxa tomar conta da castanheira, para ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobiçava, já conhecendo o caminho do Noçoquém, tornou a ir lá no dia seguinte.

Ora, os guardas do Noçoquém, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, à castanheira. E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras árvores, tudo observando, correram e foram esperá-lo debaixo da castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanhas.

Dando por falta do filho, a mulher já se havia posto a caminho para o buscar, quando lhe ouviu os gritos.

Correu na direção do filho, mas já o encontrou decepado às mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando sobre o cadáver do filho, a moça Onhiamuaçabê disse:

— Está bem, meu filho. Foram os seus tios que mandaram matá-lo. Eles pensavam que você ficaria um coitadinho, mas não ficará.

Arrancou-lhe primeiro o olho esquerdo e plan-

tou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava; era a do falso guaraná.

Arrancou-lhe, depois, o olho direito e plantou-o. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro. E, continuando a conversa com o filho, como se o sentisse vivo, foi anunciando:

— Você, meu filho, será a maior força da Natureza; você fará o bem a todos os homens; você será grande; você livrará os homens de umas moléstias e os curará de outras.

Em seguida, juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as folhas de uma planta mágica, lavou com sua saliva e o suco dessa planta o cadáver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas de inteira confiança vigiando-a. Recomendou a esse guarda, que era o **Caraxué**,



que a fosse avisar, assim que ouvisse qualquer barulho saído da sepultura, pois ela saberia quem era.

Passados alguns dias, o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiamuaçabê.

A moça veio, abriu o buraco da sepultura e de dentro saiu o macaco coatá. Onhiamuaçabê soprou sobre o macaco coatá e amaldiçoou-o: ele andaria sem repouso pelos matos.

Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das folhas da planta mágica com que lhe lavava o cadáver.

Dias depois, o Caraxué foi avisá-la de que ouvira um barulho na sepultura do menino. A moça veio, abriu o buraco da sepultura e dele saiu o cachorro-do-mato. Ela soprou sobre ele e o amaldiçoou, para que ninguém o comesse.

Fechou de novo a sepultura e foi-se embora.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira barulho, de novo, dentro da sepultura.

Onhiamuaçabê foi até lá; abriu o buraco da sepultura e dele saiu o porco-queixada, levando os dentes que deveriam caber a todos os Maués e a todos os homens.

Onhiamuaçabê expulsou também o porco-queixada.

(À proporção que saía um bicho da sepultura do menino e que era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo.)

Passados alguns dias, o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiamuaçabê. Ela veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribo.

Esse menino era o filho de Onhiamuaçabê, que ressuscitara.

Onhiamuaçabê agarrou-o, sentando-o nos joelhos. E pôs-lhe um dente na boca, feito de terra. (Por isso os índios Maués dizem que se originaram de cadáver e por isso seu dente apodrece.)

A mulher foi lavando tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das folhas da planta mágica, que mastigara.

Quando ela estava entretida, fazendo isso com o filho, os seus irmãos chegaram, de repente, e a obrigaram a deixar de lavar-lhe o corpo.

(Esse é o motivo por que os Maués não mudam de pele, como fazem as cobras.)

A onça e o bode



Uma vez a onça quis fazer uma casa; foi a um lugar, roçou mato para ali fazer a sua casa. O bode, que também andava com vontade de fazer uma casa, foi procurar um lugar e, chegando ao que a onça tinha roçado, disse:

— Bravo! Que belo lugar para levantar a minha casa!

O bode cortou logo umas forquilhas e infincou naquele lugar e foi-se embora. No dia seguinte a onça foi chegando e, vendo as forquilhas infincadas, disse:

— Oh! quem está me ajudando?! Bravo, é Deus que está me ajudando!

Botou logo as travessas nas forquilhas e o telhado, e foi-se. O bode, quando veio de novo, admirou-se e disse:

— Oh! quem está me ajudando?! É Deus que está me protegendo!

Botou logo os caibros na casa e foi-se. Vindo a onça, ainda mais se espantou e botou as ripas e os enchimentos e retirou-se. E assim foi: cada um construindo uma parte da casa até que ela ficou pronta. Acabada ela, veio a onça, fez a sua cama e meteu-se dentro. Logo depois chegou o bode e, vendo a outra, disse:

— Não, amiga, esta casa é minha, porque fui eu que infinguei as forquilhas e botei os caibros.

— Não, amigo — respondeu a onça — A casa é minha, porque fui eu que rocei o lugar, pus as travessas, o telhado e o enchimento.

Depois de alguma discussão, a onça, que estava com vontade de comer o bode, disse:

— Mas não haja briga, amigo bode, nós dois podemos ficar morando na casa.

O bode aceitou, mas com muito medo. Armou a sua rede bem longe da onça. No outro dia, a onça disse:

— Amigo bode, quando você me vir franzir o couro da testa, eu estou com raiva, tome cuidado!

— Eu, amiga onça, quando você vir balançar as minhas barbinhas e dar um espirro, você fuja, que eu não estou brincando.

Depois a onça saiu, dizendo que ia buscar de comer. Longe de casa, pegou um grande bode, matou-o e entrou com ele pela casa adentro. Atirou-o ao chão e disse:

— Amigo bode, esfole e prepare para a gente comer.

O bode, quando viu aquilo, disse lá consigo: "Você matou este que era grande, quanto mais a mim!" No outro dia ele disse à onça:

— Agora, amiga onça, quem vai buscar de comer sou eu.

E partiu. Chegando longe, avistou uma onça bem grande e gorda, disfarçou e pôs-se a tirar cipós no mato. A onça veio chegando e vendo aquilo disse:

— Amigo bode, para que tanto cipó?

— Fum! Para quê?! O negócio é sério, cuidado com você mesma... O mundo está para se acabar num dilúvio...

— O que está dizendo, amigo bode?

— É verdade; e você, se quiser escapar, venha se amarrar, que eu já me vou.

A onça foi e escolheu uma árvore bem alta e grossa e pediu ao bode para que a amarrasse nela. O bode prendeu-a perfeitamente e, quando a viu bem segura, espancou-a com um pedaço de pau até matá-la. Depois, arrastou-a, chegou a casa, largou-a no chão, dizendo:

— Se quiser, esfole e prepare para a gente comer.

A onça ficou espantada e com medo. Ambos temiam um ao outro.

Num certo dia, o bode estava tomando ar fresco; olhou para a onça, e ela estava com o couro da testa franzido. Ele teve receio e mexeu as barbas e soltou um espirro. A onça deu um pulo e saiu correndo, o bode fez o mesmo. Ainda hoje correm cada um para o seu lado.

Conto dos irmãos Grimm

Os irmãos Grimm (século XIX) eram professores universitários alemães que se interessavam também por narrativas populares.

É muito conhecida sua coletânea de contos que reúne histórias como a de Branca de Neve, Rapunzel e Cinderela. Esse conjunto de histórias, originalmente não dirigido apenas a crianças mas também aos adultos, foi reunido pelos irmãos a partir das narrativas populares que ouviram pessoalmente da boca do povo.

Selecionamos para esta antologia uma de suas histórias menos conhecidas.

O enigma

Era uma vez um príncipe que sentiu desejo de sair pelo mundo e não levou junto consigo senão um criado fiel. Um



dia, ele cavalgava em uma grande floresta e, quando escureceu, vendo que não havia por ali nenhuma hospedaria, ficou sem saber onde passaria a noite. Então avistou uma moça que se dirigia a um casebre e, quando ele chegou mais perto, viu que a moça era jovem e bonita. Iniciou a conversa com estas palavras:

— Cara criança, será que eu e meu criado podemos encontrar abrigo nesta casa por esta noite?

— Claro — disse a moça, com voz triste. Mas eu não aconselho; não entrem ali!

— Por que não? — perguntou o príncipe.

A moça disse suspirando:

— Minha madrasta pratica artes maléficas e não simpatiza com estranhos.

Então ele compreendeu que tinha chegado à casa de uma feiticeira, mas, como estava escuro e ele não poderia prosseguir viagem nem tinha medo, entrou. A velha estava sentada em uma poltrona junto à lareira e examinou os estranhos com seus olhos vermelhos.

— Boa noite! — murmurou ela, fingindo cordialidade. Acomodem-se e descansem.

Depois soprou o carvão sobre o qual, em uma

grande panela, estava cozinhando alguma coisa. A filha avisou-os de que tomassem cuidado para nada comer e também nada beber naquela casa, pois a velha preparava bebidas maléficas. Dormiram tranqüilamente até o raiar do dia.

Quando se preparavam para a partida e o príncipe já estava sentado em seu cavalo, a velha disse:

— Espere um momento, desejo fazer um brinde à sua partida.

Enquanto ela foi buscar a bebida, o príncipe partiu a cavalo e o criado, que tinha de prender sua sela, ficou sozinho, quando eis que a feiticeira volta com a bebida.

— Leve-a a seu patrão — disse ela, mas naquele momento o copo quebrou e o veneno derramou sobre o cavalo, e era tão poderoso que o animal morreu na hora. O criado correu até seu patrão e contou-lhe o que tinha acontecido, mas não queria deixar para trás sua sela e correu de volta para pegá-la. Mas, quando chegou junto ao cavalo morto, um corvo já estava sentado sobre ele e o devorava.

— Quem sabe se hoje encontraremos algo melhor? — disse o criado. Matou o corvo e levou-o consigo. Percorreram a floresta o dia todo, mas não conseguiram sair dela. Ao cair da noite, toparam com uma hospedaria e nela entraram. O criado deu ao dono o corvo, a fim de que ele o preparasse para o jantar. Eles, porém, tinham ido parar num covil de assassinos; com a escuridão, chegaram doze bandidos e sentiram vontade de matar e roubar os estranhos. Mas, antes de pôr mãos à obra, senta-

ram-se à mesa, e o dono da hospedaria e a feiticeira se uniram a eles. Comeram juntos um prato de sopa na qual se tinha picado a carne do corvo. Mal tinham engolido alguns bocados e caíram mortos, pois o corvo os tinha contaminado com o veneno da carne do cavalo. Não restava ninguém naquela casa senão a filha do hospedeiro, que era uma moça honesta e não tinha tido nenhuma participação nas coisas terríveis que ali aconteciam. Ela abriu todas as portas para os estranhos e mostrou-lhes tesouros incontáveis. O príncipe, porém, disse que ela poderia ficar com tudo, pois ele não queria nada, e partiu com seu criado.

Depois de terem cavalgado por muito tempo, chegaram a uma cidade onde havia uma princesa bela mas muito convencida; ela tinha feito proclamar que quem propusesse um enigma que ela não fosse capaz de decifrar se tornaria seu marido. Mas, se ela o decifrasse, ele seria decapitado. Ela tinha três dias para refletir; mas era tão esperta que sempre acabava decifrando o enigma antes do prazo. Já nove tinham morrido daquela maneira, quando chegou o príncipe e, deslumbrado com a beleza da moça, quis arriscar sua vida. Então, apresentou-se diante dela e propôs seu enigma:

— O que é?: um não matou nenhum, mas matou doze.

Ela não sabia do que se tratava, pensou e pensou, mas não conseguiu desvendar o enigma. Consultou seu livro de enigmas, mas nada encontrou ali. Em resumo, sua esperteza chegara ao fim. Não

sabendo mais o que fazer, mandou sua criada ir até o quarto do senhor para espioná-lo enquanto dormia: talvez ele falasse durante o sono e revelasse o enigma... Mas o esperto criado tinha-se deitado na cama no lugar de seu patrão e, quando a criada chegou, arrancou-lhe o manto em que ela estava envolvida e expulsou-a do quarto a chicotadas. Na segunda noite, a princesa enviou sua camareira na esperança de que ela tivesse melhor sorte. Mas o criado também arrancou-lhe o manto e expulsou-a a chicotadas. Na terceira noite, o príncipe julgou-se em segurança e deitou-se em sua cama. Eis que vai até lá a princesa em pessoa, envolta num manto cinzento, e se senta perto dele. Quando pensou que ele estava dormindo e sonhando, pôs-se a lhe falar, na esperança de que ele lhe respondesse durante o sono, como muitos fazem. Mas ele estava bem acordado e compreendeu e ouviu tudo muito bem. Ela perguntou:

— Um matou nenhum, o que isso significa?

— Um corvo, que se alimentou de um cavalo morto e envenenado e por isso morreu — foi a resposta do príncipe.

— E matou doze... como assim? — perguntou a princesa.

— São doze assassinos que provaram do corvo e por isso morreram.

Ao saber a chave do enigma, a princesa quis sair de fininho, mas o príncipe segurou-lhe o manto bem firmemente, de tal forma que ela teve de deixá-lo para trás.

Na manhã seguinte, a princesa fez saber que decifrara o enigma, mandou chamar os doze juizes e disse a eles qual era a solucao. Mas o jovem pediu permissao para falar e disse:

— Ela foi de fininho até meu quarto à noite e me perguntou, caso contrário não teria decifrado o enigma.

Os juizes pediram uma prova. Então o criado trouxe os três mantos. Quando os juizes viram o manto cinzento que a princesa costumava vestir, disseram:

— Que se borde o manto com ouro e prata! Será seu vestido de casamento.

Contos populares brasileiros

Há uma grande riqueza de contos populares em nosso país, contados em várias versões. Você lerá aqui duas histórias que hoje as pessoas parecem não conhecer mais; a primeira é uma espécie de conto de fadas de origem européia.

O bicho Manjaléu

Uma vez existia um velho casado, que tinha três filhas muito bonitas; o ve-

lho era muito pobre e vivia de fazer **gamelas** para vender. Quando foi um dia, chegou à sua porta um moço muito formoso, montado num belo cavalo e quis comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito aborrecido e disse que, apesar de pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que, se não a vendesse, o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavaleiro, o pai da família não quis mais trabalhar nas gamelas, por julgar que não precisava mais de então em diante; mas a mulher insistiu com ele para que não largasse o seu trabalho de costume; e ele obedeceu.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um outro moço, ainda mais bonito, montado num cavalo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar-lhe uma de suas filhas. O pai ficou muito incomodado; contou-lhe o que lhe tinha acontecido no dia antecedente e recusou o negócio.



O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quis continuar a fazer as gamelas e a mulher o aconselhou até ele continuar. Pela tarde seguinte, apareceu outro cavaleiro ainda mais bonito, e mais bem montado, e, pela mesma forma, levou embora sua filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A família ficou muito rica; depois a velha apareceu grávida e deu à luz um filho, que foi criado com muito luxo e mimo. Quando chegou o tempo de o menino ir para a escola, um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse:

— Ah! Você acha que seu pai foi sempre rico!... Ele hoje está assim porque vendeu suas irmãs...

O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas, quando ficou moço, lá num certo dia, armou-se de uma espada e foi ao pai e à mãe e lhes disse que lhe contassem a história de suas três irmãs, senão os matava. O pai o conteve e contou o que se tinha passado antes de ele nascer. O moço então disse que queria sair pelo mundo para encontrar suas irmãs e partiu. Chegando a um caminho, viu numa casa três irmãos brincando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Ele chegou e perguntou o que era aquilo, e para que prestavam aquelas coisas.

Os três irmãos responderam que àquela bota se dizia: "*Bota, me bota em tal parte!*" e a bota botava; à

carapuça se dizia: "*Esconde-me, carapuça!*" e ela escondia a pessoa de tal forma que ninguém a via; e a chave *abria* qualquer porta.

O moço ofereceu bastante dinheiro pelos objetos, os irmãos aceitaram, e ele partiu. Quando se viu longe da casa, disse:

— Bota, me bota na casa de minha irmã mais velha!

Quando abriu os olhos, estava lá. A casa era um palácio muito ornado e rico, e o moço mandou pedir licença para entrar e falar com a irmã, que estava feita rainha. Ela não queria aparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, ele contou toda a sua história, a irmã acreditou nele e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como podia ter chegado ali àquele fim de mundo, e o irmão contou-lhe o poder da bota. Pela tarde, a rainha se pôs a chorar e o irmão lhe perguntou a razão, ao que ela respondeu:

— Meu marido é o rei dos peixes e, quando vem jantar, está sempre zangado, querendo acabar com tudo. Não quer que ninguém venha ao seu palácio.

O moço disse-lhe que não se incomodasse por isso, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era a carapuça. Pela tarde, veio o rei dos peixes, muito aborrecido, dando pulos e pancadas e dizendo:

— Estou sentindo cheiro de gente! Estou sentindo cheiro de gente!

Mas a rainha conseguiu convencê-lo de que es-

tava errado, até que ele tomou um banho e se transformou num belo moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe:

— Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?

— Tratava e respeitava como a você mesma; e se está aí, apareça! — foi a resposta do rei.

O moço apareceu, e foi muito bem tratado. Depois de muita conversa, em que contou sua viagem, insistiram para que ele ficasse ali, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe perguntou para que servia aquela bota e, quando soube, disse:

— Se eu a apanhasse, ia ver a rainha de Castela.

O moço, não querendo ficar, despediu-se e, no momento da partida, o cunhado lhe deu uma escama, e disse-lhe:

— Quando você estiver em algum perigo, pegue nesta escama e diga: "*Valha-me o rei dos peixes!*".

O moço saiu e, quando se viu longe do palácio, disse:

— Bota, me bota em casa de minha irmã do meio!

Quando abriu os olhos, lá estava ele. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que o outro. Com alguma dificuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem. Depois de muita conversa, a sua irmã do meio se pôs a chorar, dizendo que era "por estar ele aí, e, sendo seu marido *rei dos carneiros*,



quando vinha jantar, era dando muitas **marradas**, a ponto de matar tudo o que via pela frente".

O irmão apaziguou-a, dizendo que tinha onde se esconder. Pouco tempo depois, chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito branco e belo na frente; este entrou e os outros voltaram. (*Segue-se uma cena em tudo semelhante à que se passou em casa do rei dos peixes.*)

Na despedida, *o rei dos carneiros* deu ao cunhado uma lâzinha, dizendo:

— Quando estiver em perigo, diga: "Valha-me o rei dos carneiros!".

Também disse, depois de saber a virtude da bota:

— Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela.

O moço foi reparando nisto e formou logo consigo o plano de ir vê-la. Saiu e, pela mesma forma, foi à casa de sua irmã mais moça. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que os outros dois. (*Seguem-se as mesmas cenas que nas outras duas visitas.*) Era o palácio do rei dos pombos, e este, na despedida, deu ao cunhado uma pena, com as palavras: "Quando se vir em algum perigo, diga: 'Valha-me o *rei dos pombos!*'. Na despedida, sabendo o rei da utilidade da bota, mostrou também desejos de ir visitar a rainha de Castela.

Logo que o moço se viu longe do palácio, disse:

— Bota, bota-me agora na terra da rainha de Castela.

Assim foi. Chegado lá, ele indagou e soube que "era uma princesa que o pai queria casar e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palácio que não olhasse logo para cima para vê-la na janela; mas a princesa tinha dito ao rei que só casava com o homem que passasse por ela sem levantar a vista".

O estrangeiro foi passar e atravessou toda a distância sem olhar, e a princesa casou com ele.

Depois de casados, ela indagou pela significação daqueles objetos que seu marido sempre trazia consigo; ele tudo lhe contou, e a princesa prestou muita atenção ao que ele disse sobre a chave.

O rei, seu pai, tinha no palácio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era proibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléu, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia. A moça tinha muita curiosidade de o ver e, aproveitando a saída do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo:

— É você mesma que eu queria! – e fugiu com ela para as matas.

Quando voltaram os caçadores, deram por falta da princesa e ficaram muito aflitos. O rei foi ao quarto do Manjaléu e achou-o aberto e vazio. Depois, valeu-se de sua bota e foi ter onde estava sua mulher. Esta, quando o viu, estando ausente o Manjaléu, ficou muito alegre e quis ir-se embora com o marido. Mas ele não consentiu, dizendo que

ela ficasse ainda para indagar do monstro onde estava a sua vida, para assim dar um fim nele. O príncipe foi-se embora. Quando o Manjaléu voltou, viu que ali tinha estado o bicho homem. A moça convenceu-o a conter seu ódio e, quando ele se acalmou, ela lhe perguntou onde estava a sua vida. O monstro zangou-se muito e disse:



— Ah! você e o seu marido querem saber de minha vida para **dar cabo** de mim! Não digo, não...

Passaram-se dias, sempre a moça insistindo. Afinal, ele foi amolar uma espada, dizendo:

— Eu lhe digo onde está a minha vida, mas, se eu sentir qualquer incômodo, sei que ela está em perigo e, antes que me matem, mato você primeiro, entendeu?

A princesa respondeu que sim. O Manjaléu amolou a espada e disse-lhe:

— Minha vida está no mar; dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba, um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar, eu morro.

O bicho saiu e foi procurar frutas; chegou o príncipe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléu veio e deitou-se no colo da moça com a espada ali perto. O príncipe chegou com a sua bota à praia do mar num instante; lá pegou na escama que tinha e disse:

— Valha-me o *rei dos peixes!*

De repente uma multidão de peixes apareceu, indagando o que ele queria. O príncipe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu:

— Agora há pouco dei um encontrão nele.

Todos os peixes foram e botaram o caixão para fora. O príncipe o abriu e deu com a pedra; aí pegou na lâzinha e disse:

— Valha-me o *rei dos carneiros!*

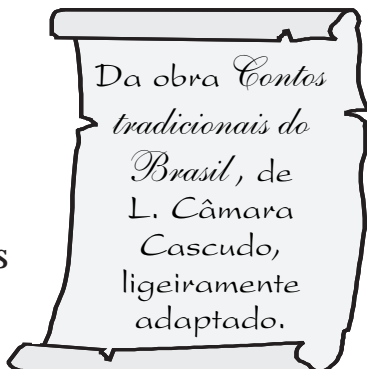
De repente apareceram muitos carneiros e entraram a dar marradas na pedra. O Manjaléu lá começou a sentir-se doente e dizia: "Minha vida, princesa, corre perigo!" E pegou na espada; a moça fez que ele desistisse e foi engambelando-o. Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O príncipe pegou na pena e disse:

— Valha-me o rei dos pombos!

Chegaram muitos pombos e correram atrás da pomba, até que a pegaram. O príncipe abriu-a e achou o ovo. Quando estava nisto, lá o Manjaléu estava muito abatido, pegou na espada e ia dando um golpe na princesa. Foi quando o príncipe quebrou o ovo e apagou a vela; aí o bicho caiu sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ela e levou-a para o palácio, onde houve muitas festas.

A festa no céu

Entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no Céu. Todas as aves compareceriam e começaram a fazer inveja aos animais e outros bichos da terra incapazes de vôo.



Imaginem quem foi dizer que ia também à festa...O sapo! Logo ele, pesadão e nem sabendo dar uma **carreira**, seria capaz de aparecer naquelas alturas? Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros, então, nem se fala.

O sapo tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma prosa boa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

— Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

— Você vai mesmo?

— Se vou? Até lá, sem falta!

Em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou no quarto do urubu e, vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a

a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Chegando ao céu o urubu deixou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo se divertiu a valer. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado. Procurou a viola e acomodou-se como da outra vez.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando cada um no seu destino. O urubu agarrou a viola e tocou-se para a terra, rru-rru-rru...

Ia pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se e o urubu espiando para dentro do instrumento viu o bicho lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

— Ah! camarada sapo! É assim que você vai à festa no Céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras virou a viola. O sapo despençou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

Béu-Béu!
Se eu desta escapar
*Nunca mais **bodas ao céu!**...*



E vendo as terras lá embaixo:

— Arreda pedra, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um genipapo, esborrachando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou os pedaços e o sapo ressuscitou.

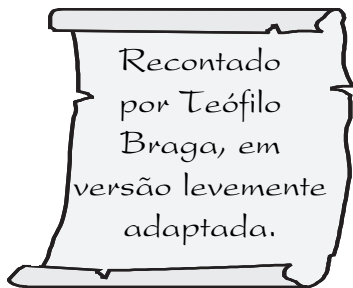
Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

Contos populares de Portugal

Portugal tem rico repertório de narrativas populares que é pouco conhecido em nosso país, embora várias histórias de origem portuguesa, transformadas em maior ou menor grau, circulem por aqui em nosso folclore como se fossem contos inventados no Brasil.

As histórias que você lerá a seguir têm uma clara mensagem moral como é comum em narrativas como as fábulas.

A Riqueza e a Sorte



Um pobre homem estava trabalhando no mato, a cortar lenha para ir vender pela vila e assim sustentar mulher e filhos. De repente viu ao pé de si dois homens, bem vestidos, que lhe disseram:

— Nós somos a Sorte e a Riqueza. Vimos ajudar você.

Cada um deles queria acudir primeiro ao homem e, por isso, passaram a discutir. Dizia a Riqueza:

— Eu só por mim o faço feliz; sendo ele rico tem tudo.

— Pois, mesmo sem ser rico, eu, dando-lhe sorte, faço-lhe maior benefício. Senão experimentemos para ver.

Riqueza virou-se para o pobre do homem e disse:

— Tome lá esta moeda; amanhã compre carne, pão e vinho e não trabalhe nesse dia.

O homem foi-se embora contentíssimo para casa; no outro dia foi ao açougue. Deu ao açougueiro o dinheiro adiantado, mas, como estava um grande barulho de gente no açougue, o dono negou que lhe tivesse dado o dinheiro, e o pobre homem resignou-se e foi outra vez trabalhar para o mato.

A Riqueza tornou a chegar ao pé dele e, quando soube de que lhe servira a moeda, ficou zangada e deu-lhe uma bolsa cheia de moedas. O homem voltou para casa. Mas, como a bolsa era de pele vermelha, uma ave de rapina caiu de repente sobre ele e arrebatou nas garras o saco, e voou. O homem contou a sua tristeza à mulher e no outro dia foi trabalhar para o mato. Tornou-lhe a aparecer a Riqueza; ficou mais desesperada quando soube do acontecido à bolsa.

— Pois desta vez dou-lhe um saco de moedas tão grande que você não pode com ele; mas aqui está um cavalo que vai levá-lo para a sua casa.

O homem agradeceu aquele favor da Riqueza e pôs-se a caminho para casa. Quando ia por um atalho, estava num campo uma égua, e o cavalo botou a fugir atrás dela de tal forma que o homem não foi capaz de o agarrar, e por mais que andou não pôde achar o cavalo.

Quando a Riqueza não esperava mais voltar a encontrar o homem no mato, foi ao sítio de sempre com a Sorte, e qual não foi o seu espanto quando viu o pobre do homem a trabalhar como antes. Disse então a Sorte:

— Agora é a minha vez de o fazer feliz; vou-lhe dar um vintém. Olhe lá, ó homem, tome esse vintém e assim que chegar à vila compre a primeira coisa que lhe aparecer.

O homem em caminho para casa encontrou quem lhe ofereceu uma vara de pegar azeitonas pelo preço de um vintém e comprou-a. No outro

dia, foi para a **apanha** e, quando ia colher azeitonas, caiu-lhe do galho da oliveira uma bolsa de pele vermelha cheia de moedas.

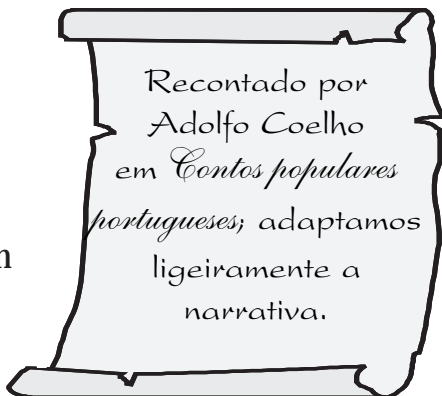


Agarrou-a e levou-a para casa, contou à mulher de onde suspeitava que lhe vinha aquele tesouro. A mulher combinou ir fazer uma romaria, e puseram-se a caminho. Quando chegaram a um descampado, acharam pegadas de cavalo, foram andando por elas e chegaram a um sítio onde estava um cavalo deitado ainda com um saco cheio de moedas. Voltaram logo para casa muito contentes e mudaram de vida, que até aquele tempo tinha sido amargurada pelos poucos ganhos e muitos filhos.

A Riqueza e a Sorte foram ao sítio onde o homem costumava cortar lenha e esperaram por ele bastante tempo. Por fim a Sorte declarou-se vencedora, dizendo:

— Que é que eu lhe dizia? Não é com muito dinheiro que se é feliz.

Comadre Morte



Havia um homem que tinha tantos filhos, tantos que não havia ninguém

na vizinhança que não fosse compadre dele. Um dia a mulher teve mais um filho. Que havia o homem de fazer? Foi por esses caminhos afora ver se encontrava alguém que convidasse para compadre. Encontrou um pobrezito e perguntou-lhe se queria ser seu compadre. "Quero, mas você sabe quem eu sou?" "Eu sei lá; o que eu quero é alguém para padrinho do meu filho." "Pois, olha, eu sou Deus." "Então não me serve, porque você dá a riqueza a uns e a pobreza a outros".

Foi mais adiante e encontrou uma pobre e perguntou-lhe se queria ser comadre dele. "Quero, mas você sabe quem eu sou?" "Não sei." "Pois olha, eu sou a Morte." "Você me serve, porque trata a todos por igual".

Fez-se o batizado e depois disse a Morte ao homem: "Já que você me escolheu para comadre, quero-lhe fazer rico. Você se faz de médico e vai por essas terras curar doentes; você entra e, se vir que eu estou à cabeceira da cama, é sinal que o doente não escapa e não adianta dar-lhe remédio. Mas, se estiver a seus pés, é porque escapa. Mas

não queira curar aqueles a que eu estiver à cabeceira, porque eu acabo com você.

Assim foi. O homem ia às casas e, se via a comadre à cabeceira dos doentes, abanava a cabeça; mas, se estava aos pés, receitava o que lhe parecia bem. Vejam lá se ele não havia de ganhar fama e dinheiro, que era uma coisa! Mas, certa vez, foi à casa de um doente muito rico, e a Morte estava à cabeceira. Abanou a cabeça; disseram-lhe que lhe dariam tantos contos de réis se o livrassem da Morte, e ele disse: "Deixa estar que eu dou um jeito em você", e pega no doente e muda-o com a cabeça para onde estavam os pés, e ele escapa.

Quando ia para casa, sai-lhe a comadre ao caminho: "Venho buscá-lo por aquela traição que me fez." "Pois então, deixe-me rezar um padre-nosso antes de morrer". "Reze, então."

Mas ele rezar, qual rezou! Não rezou nada, e a Morte, para não faltar à palavra, foi-se sem ele.

Um dia o homem encontra a comadre que se fazia de morta num caminho; e ele lembrou do bem que ela lhe tinha feito e disse: "Minha querida comadrinha, que está aqui morta, deixe-me rezar um padre-nosso por sua alma!"

Depois de acabar, a Morte levantou-se e disse: "Pois, já que você rezou o padre-nosso, venha comigo."

O homem era esperto, mas a Morte ainda era mais, pois não era?

Fábula

A seguir, você lerá várias versões de uma mesma fábula, que é uma narrativa curta, com personagens que são, geralmente, animais falantes.

Na maior parte das vezes, a moral que a fábula quer transmitir vem expressa claramente, muitas vezes, como no caso da que vamos ler, enunciada numa frase final.

Você provavelmente já conhece esta fábula, pois é uma das mais famosas.

Primeiramente, você lerá a versão original do grego Esopo, do século VI a. C.; depois a do romano Fedro, do primeiro antes de Cristo; em seguida, a de La Fontaine e a de Monteiro Lobato.

O lobo e o cordeiro

(Esopo)

Um lobo, tendo avistado um cordeiro bebendo em certo regato, desejou devorá-lo recorrendo a um pretexto qualquer. Estava ele no alto, mas acusou o cordeiro de sujar a água de tal modo que ele não podia bebê-la. O cordeiro respondeu que mal tocava a água com os lábios; além disso, estando numa posição inferior, era impossível turvar a água que corria do alto.

Como aquele pretexto não colou, disse o lobo:

— Mas no ano passado você insultou meu pai!

O cordeiro, então, explicou que, naquela época, ele nem sequer era nascido. O lobo lhe disse:

— Você pode ser muito bom para dar desculpas, mas eu não deixarei de devorá-lo!

A fábula mostra que nenhuma defesa justa terá sucesso contra os que querem ser injustos.

O lobo e o cordeiro

(Fedro)

A um mesmo córrego chegaram certa vez um lobo e um cordeiro, levados pela sede. O lobo estava numa posição mais acima; muito mais abaixo se encontrava o cordeiro. Então, movido por uma fome terrível, o bandido arranhou um pretexto para discussão:

— Por que você turvou a água que eu estou bebendo?

O cordeiro, com medo, respondeu:

— Como posso eu, me diga, fazer aquilo de que você se queixa, lobo? A água corre de onde você está até aqui, onde estou bebendo.

Repelido pela força da verdade, o lobo replicou:

— Há uns seis meses atrás, você falou mal de mim!

O cordeiro, por sua vez:

— Mas eu nem era nascido há seis meses atrás!

— Então foi seu pai que falou mal de mim! — disse o lobo e, agarrando o cordeiro, devorou-o, dando-lhe morte injusta.

Esta fábula foi escrita pensando nas pessoas que se servem de pretextos para oprimir os inocentes.

O lobo e o cordeiro (La Fontaine)



A razão do mais forte é sempre a melhor:
É o que agora vamos mostrar.

Um Cordeiro matava a sede na corrente de límpidas águas. Um Lobo, que não comia há tempo, apareceu, buscando confusão. A fome o atraiu para aquele lugar.

— Quem tornou você tão atrevido a ponto de turvar minha água? — disse o animal, cheio de ira. Você será castigado por essa ousadia!

— Senhor — respondeu o Cordeiro — não se zangue! Note que eu matava minha sede no regato a mais de vinte passos abaixo do senhor. Assim, de modo algum eu poderia turvar sua água.

— Você a turva — insistiu o animal cruel — e eu sei que no ano passado você falou mal de mim!

— Como eu poderia ter feito isso se eu não era nem nascido? Eu ainda mamou.

— Se não foi você, então foi seu irmão.

— Não tenho irmão.

— Então foi um parente seu. Vocês não me dão trégua, vocês, seus pastores e seus cães! Foi o que me disseram. Preciso me vingar.

Lá em cima, no fundo das florestas, o Lobo agarra o Cordeiro e depois o devora, sem mais nem menos.

Narração de Monteiro Lobato

Veja como Monteiro Lobato, baseado no francês La Fontaine, que recontou as fábulas gregas e romanas, narra a mesma história no livro *Fábulas*:

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo **esfaimado**, de horrendo aspecto.



— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

— E — nhoque! — sangrou-o no pescoço.

Contra a força não há argumentos.

Estamos diante da fábula mais famosa de todas — declarou Dona Benta. Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. *Contra a força não há argumentos.*

— Mas há a esperteza! — berrou Emília. Eu não sou forte, mas ninguém me vence. Por quê? Porque aplico a esperteza. Se eu fosse esse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo, dizia: "Senhor Lobo, é verdade, sim, que sujei a água deste riozinho, mas foi para envenenar três perus recheados que estão bebendo ali embaixo". E o lobo, já com água na boca: "Onde?" E eu, piscando o olho: "Lá atrás

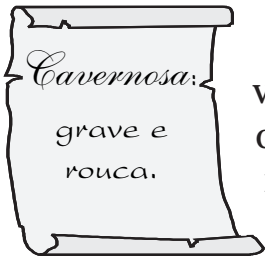
daquela moita!" E o lobo ia ver e eu sumia...

— Acredito — murmurou Dona Benta. E depois fazia de conta que estava com uma espingarda e, *sum!* na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fábulas. La Fontaine a escreveu dum modo incomparável. Quem quiser saber o que é obra-prima, leia e analise a sua fábula do Lobo e o Cordeiro.

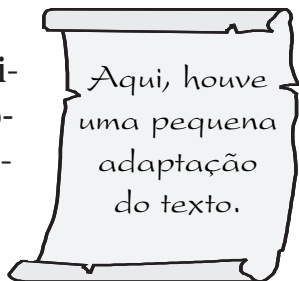
Narração de Millor Fernandes

Millor Fernandes, jornalista e escritor contemporâneo, recriou essa fábula em seu livro *Fábulas Fabulosas*:

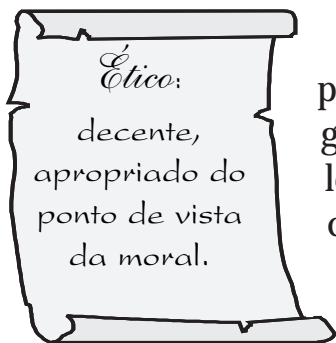
Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a voz **cavernosa**: "Vais pagar com a vida o teu miserável crime". "Que crime?" — perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com lobo não adianta argumentar. "O crime de sujar a água que eu bebo". "Mas como posso sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda?" — indagou o cordeirinho. "Por mais limpo que esteja um cordeiro é sempre sujo para um lobo. "E vice-versa" — pensou o cordeirinho, mas disse apenas: "Como posso eu sujar a sua água se estou abaixo da corrente?" "Pois se não foi você, foi seu pai, foi sua mãe ou qualquer outro ancestral e eu vou comê-lo de qualquer maneira, pois como rezam os livros de lobologia, eu só me alimento de carne de cordeiro"



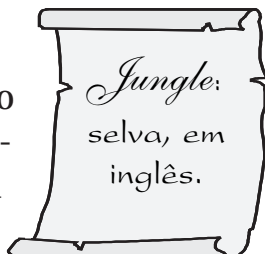
— finalizou o lobo preparando-se para devorar o cordeirinho. "**Um momento, um momento!**" — gritou o cordeirinho. "Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá



todo o rebanho". "Chega de conversa" — disse o lobo — "vou comê-lo logo, e está acabado". "Espera



aí" — falou firme o cordeiro — isso não é **ético**. Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas". "Está bem" — cedeu o lobo irritado com a lembrança do código milenar da

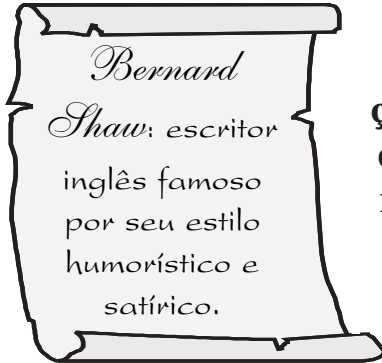


jungle." — Qual é o animal mais estúpido do mundo?" "O homem



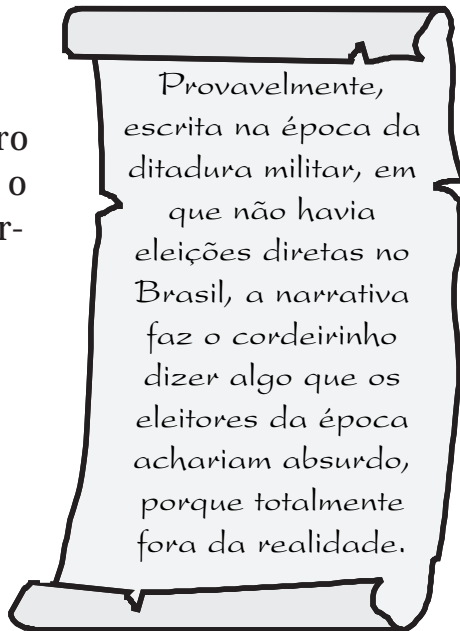
casado" — respondeu prontamente o cordeiro. "Muito bem, muito bem!" — disse o lobo, logo **refreando**, envergonhado, o súbito entusiasmo.

"Outra: a zebra é um animal branco de listras pretas ou um animal preto de listras brancas?" "Um animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro" — respondeu o cordeirinho. "Perfeito!" — disse o lobo engolindo em seco. "Agora, por último, diga uma



frase de **Bernard Shaw**". "Vai haver eleições em 66" — respondeu logo o cordeirinho mal podendo conter o riso. "Muito bem, muito certo, você escapou!" — deu-se o lobo por

vencido. E já ia se preparando para devorar o cordeiro quando apareceu o caçador e o esquartejou.



MORAL: QUANDO O LOBO TEM FOME NÃO DEVE SE METER EM FILOSOFIAS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APULEIO. *Le metamorfosi o l'asino d'oro*. 6. ed. Milano: Rizzoli, 1987.
- BAHLMANN, Clemens et alii. *Unterwegs*. Berlin: Langenscheidt, 2003 (conto dos irmãos Grimm).
- BRAGA, Teófilo. *Contos tradicionais do povo português*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- CASCUDO, Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Lendas do índio brasileiro*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- ESOPO. *Favole*. 9. ed. Milano: Rizzoli, 1992.
- FERNANDES, Millor. *Fábulas fabulosas*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas e histórias diversas*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- OVIDE. *Les métamorphoses*. Paris: Garnier, 1953.
- PHÈDRE. *Fables*. Paris: Les Belles Lettres, 1969.
- ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. São Paulo: Landy, 2000.